

Pedagogia hip hop

**Jaqueline Lima Santos
(UNICAMP)**

Oi, Paulo. Bom dia. Obrigada pela apresentação pela mediação. Queria saudar as colegas, os colegas aqui presentes, Jacqueline Britto Pólvora, o Jaime, a Juliana, agradecer o convite para estar falando desse tema que é tão importante, sobretudo nesse momento de transformação da universidade, especialmente a universidade pública brasileira. Bom, Paulo, quando estiver dando o tempo, você me avisa, por favor, porque eu tô olhando o *paper* aqui, tá bom?

Então, pensando em como descolonizar o ensino da Antropologia na pós-graduação, eu pensei em trazer a minha experiência com os estudos de hip hop que a gente vem realizando na Unicamp, onde eu faço pós-doutorado em Antropologia Social. É importante a gente pensar, quando a gente aborda esse tema, fazendo um panorama histórico dos estudos de raça e cultura no Brasil por meio da Antropologia, por exemplo. A Antropologia, ela se preocupou historicamente com noções de autenticidade e tradição e tomou muito a diferença como sinônimo de diversidade cultural. Isso vem se transformando ao longo das últimas décadas. Mas mesmo essa transformação, ela não reflete uma necessidade que a gente tem, enquanto sociedade brasileira, ainda profundamente desigual. Por quê? Porque o foco da Antropologia na diferença, como esse sinônimo de diversidade, distanciou esse campo de estudos da discussão sobre relações de poder e que dificultou que esse campo se posicionasse diante das contradições sociais. O que eu tô chamando atenção aqui é que a gente não pode tomar diferença apenas como sinônimo de diversidade, mas problematizar como essas diferenças

geram desigualdades. Isso gera um posicionamento sócio-histórico da disciplina e contribui para a gente nos repensar enquanto sociedade, então eu acho que esse é um dos primeiros elementos que a gente tem que pensar quando a gente olha para essa questão sobre como descolonizar o ensino da Antropologia na pós-graduação.

Mas essa perspectiva, que eu entendo que ainda é presente, do foco da diferença como sinônimo de diversidade, não desigualdades, pensar a hierarquização das diferenças, embora eu acho que ainda existe esse foco, isso vem mudando, eu acredito que isso vem mudando progressivamente nas últimas décadas, com a entrada de grupos historicamente discriminados na universidade, e isso vem se ampliando ainda mais com as políticas de ações afirmativas. Por exemplo, a partir das experiências recentes que eu tenho na Universidade Estadual de Campinas, como a construção do primeiro arquivo brasileiro de hip hop, onde a gente leva mestres de movimentos sociais, dos saberes, essas pessoas que contribuem para a constituição desse arquivo numa instituição pública para falar sobre esses arquivos, sobre as suas memórias, sobre os seus saberes. A gente faz um processo de catalogação colaborativa, então, com a construção desse arquivo, com a criação da linha de pesquisa “Hip hop em trânsito” e a institucionalização dos estudos de hip hop na Unicamp. Tendo como exemplo a primeira disciplina realizada especialmente sobre os estudos de hip hop em 2021, Hip Hop Studies, e depois a disciplina de Tópicos Especiais em Antropologia, que abordou as contribuições dos Racionais MC’s, por Pensamentos Social Brasileiro, que foi lecionada no segundo semestre do ano passado, as duas disciplinas para os cursos Ciências Sociais, por mim e pelo professor Omar Ribeiro Thomas. Eu acho que essa experiência que a gente aglutina nessa experiência traz muitos elementos que contribuem para descolonização do campo da Antropologia, que é a área da universidade que a gente vem atuando. Então, a pedagogia das ruas trazidas por esses alunos de ações afirmativas, especialmente a pedagogia hip hop, como que isso implica e transforma o ambiente da universidade brasileira.

Tanto essa linha de pesquisa que eu falei quanto as disciplinas de graduação, elas tiveram uma adesão significativa da comunidade recente da universidade e também da comunidade hip hop do território. E essas iniciativas, elas juntaram dois tipos de participantes, que são aqueles que fazem parte de diferentes gerações da cultura hip hop, que chegaram na universidade devido ao percurso que tiveram nesse movimento, e aqueles que veem o hip hop como fenômeno fundamental para compreender a sociedade. Então, essas, esses estudantes, provenientes da geração hip hop, têm ensinado muito a universidade, trazendo diferentes tipos de referências, experiências para o campo formativo. E o hip hop como uma narrativa do cotidiano tem muito a contribuir com as Ciências Sociais, porque o próprio rap é elaborado a partir da experiência vivida do observável, do cotidiano, de coisas minuciosas do cotidiano, e essas questões são observadas e traduzidas em letras. Então, tem muitas coisas... Por exemplo, quando a gente olha para a questão da violência na cidade de São Paulo na década de 90, não tem como olhar isso e não passar pela obra de Racionais MC's, por exemplo. Muitas coisas que estudiosas, estudiosos do campo da violência abordam hoje começaram a abordar no início dos anos 2000, já estavam presentes e já eram um olhar analítico desses grupos sobre a sociedade e grupos de jovens que estavam submetidos a uma violência extrema, estavam resistindo, construindo uma contranarrativa sobre o que eles estavam vivendo. E as experiências, saberes, trazidos por essas e por esses alunos das ações afirmativas cujas trajetórias, aqueles que se aproximam do que a gente tem produzido e produzem com a gente, se confunde com o próprio movimento hip hop, o que eles trazem para universidade são essas experiências, são outros tipos de referenciais, que são importantes para a gente constituir consciências sociais.

Eu vou ler aqui dois trechos de depoimentos de estudantes que ingressaram pelas ações afirmativas e que deram esses depoimentos durante a disciplina dos Racionais, as contribuições nacionais a esse pensamento social brasileiro, que foi realizada no último ano na Unicamp, e eles deram esses depoimentos no dia que os quatro membros do grupo Racionais MC's

foram dar aula na universidade. Eles deram uma aula pública, e, por incrível que pareça, essa foi a primeira vez que diretores de departamentos, de programas, pró-reitores, pararam para ouvir os estudantes das ações afirmativas. E isso provocou uma transformação no entendimento de que tipo de política a universidade tem que movimentar internamente para dar conta da formação desses jovens pesquisadores. Então, o primeiro depoimento que eu vou ler é de Laine Gabriele da Silva, estudante de Linguística do IEL da Unicamp, em que ela diz o seguinte, abro as aspas: “Tem aquela música que fala que daria um filme, e eu sei que a minha vida daria um filme. Como a gente explica uma mulher negra, periférica, nascida e criada na última cidade abolir a escravidão, que já morou na rua com a sua família, que já passou por diversos atravessamentos, hoje se encontra em uma das melhores universidades da América Latina, é um dos maiores CRs da sua turma, carrega quatro pesquisas nas costas, trabalha, ajuda a família e ainda tem disposição total para lutar e ressignificar tudo aquilo que está atravessando a população negra. Eu sei que a minha vida daria um filme, e Racionais foi extremamente importante para entender tudo que eu sei, que tudo o que eu aprendi na rua, que tudo que eu aprendi por meio do rap tem um nome, que é letramento. Não foi só ele que me ensinou. Eu aprendi o que é a palavra letramento dentro da universidade e, daí, eu entendi que todos os nossos conhecimentos, aquele que a gente aprende na rua por meio da música, tem esse nome letramento, que é aprendizagem social, a forma como a gente aprende com essas músicas, eu aprendi com o rap, eu aprendi muito com a música. Eu sei que a minha vida daria um filme porque hoje eu não carrego só as minhas cicatrizes, eu carrego todos os meus conhecimentos, que sei que são importantes. Os nossos conhecimentos são importantes.”

O segundo depoimento que eu queria ler é do aluno Inácio da Silva, estudante de Ciências Sociais do IFCH Unicamp: “Eu sou Inácio. Entrei aqui no ano de 2022 e, mano, eu sou cria de muita gente, tá ligado? Eu sou cria das quebradas, sou da zona leste de Guaianases, sou de São Mateus e sou da Cidade Tiradentes. O meu pai foi encarcerado por mais de dez anos. Quando

saiu do sistema carcerário, foi morto. Minha mãe foi encarcerada por cinco anos e, quando saiu do sistema carcerário, também foi morta. E Racionais MC's me educou para além dos estudos. Me educou para a vida, porque, quando eu estou com umas ideias muito cabulosas, eu escuto Mano Brown falar 'Brown acorda, pensa no futuro que isso é ilusão'. Quando Racionais fala para você que você pode chorar, negão, tá suave chorar, eu falava, eu posso chorar mesmo. Eu morei na rua, eu não estou contando história triste. Eu tô contando história de sobrevivência, tá ligado? Eu estou contando uma história de resistência. Que dificilmente a gente vai ouvir história de resistência e falar que é tristeza, e a tristeza também é o crime chegando e dizendo 'encosta, você vai fazer uma moeda'. Eu disse: 'Eu preciso quebrar esse ciclo', porque meu irmão também está preso, a minha irmã está desaparecida há vinte anos. Toda quebrada tem uma rainha, a minha rainha me criou lá da quebrada do Jardim Damasceno, a Dona Zeferina. A filha dela fez vestibular e falou: 'Mano, faz que você vai passar, negão.' Eu fiz. Eu passei e tinha 'Sobrevivendo no inferno' como uma obra obrigatória do vestibular, e agora eu só fico ouvindo Racionais e falando para os moleques: 'Mano, agora é a sua vez.'”

Por que que eu tô falando isso? Porque, em decorrência desse trabalho que a gente vem desenvolvendo com saberes da rua para pedagogia hip hop da universidade, como esses saberes contribuem para Ciências Sociais, nos últimos anos, a gente teve ingresso de cinco desses estudantes com trajetórias muito parecidas no programa de pós-graduação em Antropologia Social da Unicamp. E esses depoimentos supracitados por estudantes que cursaram as disciplinas dos Racionais, inclusive, três estudantes que cursaram os Racionais, entraram na pós-graduação no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Três não, quatro. Então, esse movimento faz com que a valorização desses saberes, com que esses grupos se sintam parte dessa universidade. O que fica claro nesses depoimentos é que estudantes negros, periféricos e de baixa renda trazem um repertório de experiências e conhecimentos para a universidade que interpelam os modos tradicionais de formação e reivindicam que essa bagagem seja considerada no percurso

curricular da universidade. Eles levam esse repertório para a sala de aula e em muitos momentos são tratados como militantes, e não acadêmicos, por colocar em evidência produções, contribuições e agendas sociais de grupos historicamente discriminados. E por que que o hip hop mobiliza tanta coisa? Eu sempre digo, quando eu tô dialogando com os meus amigos da Antropologia, que é muito difícil a gente encontrar um cenário, um tempo histórico e um cenário político, social e econômico que gera alguns fenômenos sociais com tanto impacto de forma global, mas que gera cenas locais como o hip hop. Então, a forma como o hip hop ganhou o mundo, isso é, impacto nas comunidades locais, construiu aquilo que a Marceliana Morgan e a Johnny Bennet definem como um hip hop nation, que é um conceito que dialoga com a ideia de comunidades imaginadas do Bennett Anderson, no qual ele fala que a nacionalidade e o nacionalismo são produtos culturais, assim como a religião, a economia, a língua, a imprensa. E o surgimento da ideia moderna de nação como comunidade imaginada se torna possível devido às transformações econômicas, as descobertas e o desenvolvimento dos meios de comunicação.

Anderson fala que a interação entre o capitalismo, a tecnologia, diversidade linguística humana, ela possibilitou a criação de uma nova forma de comunidade imaginada que aquela sustentada por um tempo vazio homogêneo onde acontece uma simultaneidade social daquelas pessoas que não se conhecem, mas que compartilham os símbolos, sentimentos e pertencimento. E aí, voltando a Marciliana Morgan e a Johnny Bennet, elas falam que o hip hop, ele tem empoderado jovens de diversos contextos a tornarem-se artistas por direito próprio e a desenvolver um pensamento crítico que pode ser aplicado em diferentes aspectos da sua vida. Essa expressão cultural produz estética, identidade, crença, comportamentos e valores e atravessa o mundo. Surge no contexto de imigração, de encontros de vários grupos, ali em Nova York na década de 70, mas, ao atravessar o mundo, ele tem produzido cenas locais, que significa o uso dos quatro elementos de forma contextual, os quatro elementos, Dj, MC, breaking e grafite, de forma contextual e local, para debater, representar e criticar os

sistemas sociais estabelecidos. Então, como movimento translocal, essas cenas nos territórios estão engajadas em causas políticas e sociais locais, embora seja um fenômeno que tem linguagens que são usadas globalmente.

E essa dispersão, essa proliferação do hip hop pelo mundo, desembocou em uma série de estudos sobre a temáticas, consolidando aquilo que a gente entende como Hip Hop Studies. E nesse campo, a gente tem diversos estudos sobre Caribe, Américas, Europa, Ásia, Norte da África. Um número significativo de pesquisadores, eles vêm tratando o hip hop como fenômeno global que possibilita, ao mesmo tempo, a compreensão de particularidades locais.

Em outras palavras, eu posso dizer que o hip hop disponibiliza linguagens e formas de expressão que engajam atores de diferentes territórios em pautas do seu contexto. É também importante instrumento analítico para entender as relações sociais. E aí a gente tem produções e arquivos em diferentes lugares do mundo. A gente tem o “The Hip Hop Arcade”, na Universidade Harvard, a gente tem o “Território Collection”, na Cornell University, a gente tem eventos importantes, como “Hip Hop Liters Conference”, que acontece na Ohio State University, a gente tem “Um arquivo de hip hop”, a linha de pesquisa na Unicamp hoje, a gente tem uma série de universidades produzindo, usando o hip hop como uma lente que amplia a nossa visão sobre sociedade pelo fato da discotecagem, do canto, do grafite, da dança narrarem elementos críticos do cotidiano.

Eu falei, o rap, ele narra coisas minuciosas do cotidiano. A discotecagem, a produção musical produz uma erudição que ajuda a gente entender e entrar em diferentes discussões sociais, porque um DJ, para produzir um instrumental, ele vai fazer um sample. Sample tem como base uma música que já foi produzida. Essa música tem história, tem relação com aquela coisa nova que tá sendo produzida, que tem tudo a ver com as Ciências Sociais. Porque, nas Ciências Sociais, quando a gente vai produzir um texto, a gente faz uma colcha de retalhos daquilo que já foi produzido. Então o hip hop é um fenômeno social que oferece diferentes linguagens, como eu falei, música, dança e artes plásticas, e nos possibilita compreender facetas

do cotidiano em que ela é praticada. Ou seja, esse narrar o cotidiano do hip hop torna-se uma lente que amplia o alcance das nossas visões sobre a sociedade. E que esse campo de estudos Hip Hop Studies busca elucidar e trazer como para a sociedade. Não é só o hip hop como movimento socio-cultural em si, mas o que ele revela sobre as experiências de jovens, vivendo, na maioria das vezes, em contexto de precariedade. Nesse sentido, as produções de hip hop, a gente pode dizer que abordam economia, direitos, nação, história, segregações espaciais, desigualdades, relações de poder, regime político, racismo, ou seja, uma variedade de temas.

Então, o que a gente busca fazer na universidade é trazer, valorizar essa pedagogia hip hop, essa pedagogia das ruas. Então, além de todas as competências e habilidades que a gente pode falar que se desenvolve no hip hop, o hip hop, ele reposiciona sujeitos no mundo ao propor um olhar minucioso sobre o contexto que eles estão inseridos e também fora deles, já que elabora uma leitura, negra e periférica, não só sobre o contexto negro e periférico, não só sobre seus territórios e grupos, mas sobre a sociedade em geral. Esses sujeitos são provocados por ter um olhar minucioso sobre o contexto e narrar esse contexto. E essas narrativas, geralmente elas buscam compreender o passado para entender criticamente o presente e elaborar novas perspectivas de futuro entre aquelas pessoas que praticam. Então a gente pode dizer, também, que a história desempenha um papel fundamental no pensamento dos ativistas do hip hop.

Nessa perspectiva, o que a gente entende como pedagogia hip hop se insere no que a gente entende como pedagogia crítica, e tem ajudado a gente avançar bastante no campo da Antropologia lá onde a gente tá atuando nos diálogos com os estudantes. Trabalhar pedagogia hip hop não é utilizar como instrumento “ai, vou trabalhar pedagogia como instrumento”, mas sim a pedagogia hip hop faz a gente abrir espaço para que os sujeitos envolvidos no processo formativo tenham liberdade para colocá-lo em prática e contribuir com processo formativo. Isso significa que trabalhar com a pedagogia hip hop é reconhecer que aqueles nomeados como estudantes também detêm estratégias e práticas que contribuem para a formação, de

modo que todas as pessoas têm um papel importante no desenvolvimento educacional, e essa perspectiva estimula o protagonismo e engajamento dos sujeitos no percurso formativo.

E para finalizar, a experiência com essas duas disciplinas supracitadas que foram oferecidas na Antropologia, por exemplo, elas possibilitaram ouvir, apreciar, valorizar, dar protagonismo aos estudantes e as suas práticas culturais. Então, a pedagogia hip hop é um movimento que visa interromper as estruturas opressivas das instituições educacionais para que jovens dos grupos historicamente discriminados possam reformular a sua presença, as suas identidades na esfera pública. Então esse campo dá visibilidade a narrativas silenciadas e às estratégias efetivas de educação existentes entre a geração hip hop. Eu acho que é isso. Eu fiz um resumo aqui grande, mas eu acho que vou parar por aqui. A gente continua dialogando, mas essa experiência que a gente tem tido na universidade trabalhando com Hip Hop Studies, pedagogia hip hop e que é uma estratégia que nos ajudar a descolonizar o ensino da Antropologia na pós-graduação.